

Entre contextos, conceitos e canções:

a expressão musical e suas possibilidades com o Ensino de Geografia

Alana Cerqueira de Oliveira Barros (UNEB)

alana.cerqueira.geo@gmail.com

Jussara Fraga Portugal (UNEB)

jportugal@uneb.br / jfragaportugal@yahoo.com.br

Resumo: As músicas de Luiz Gonzaga expressam relações com os lugares e as paisagens, são portadoras de sentidos e expressam percepções, emoções e experiências socioculturais. Por isso, compreendemos que as letras das canções apresentam potencialidades para a leitura geográfica a partir dos elementos que a constituem. Dessa forma, o presente texto é resultado de uma discussão ampliada do trabalho dissertativo *Entre letras, melodias e canções: uma leitura geográfica da obra de Luiz Gonzaga*, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet), vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus I, Salvador (BA). Nesse desdobramento, buscamos enfatizar a interface da música e o ensino de Geografia, que expressam as possibilidades de uma possível aproximação entre o campo artístico e o curricular-científico, trazendo complementariedades e significados, pois a música é testemunha de lugares experienciados, paisagens e contextos histórico-geográficos. Dessa forma, ressaltamos as contribuições da obra musical do artista brasileiro, cantor e compositor Luiz Gonzaga, pernambucano da fazenda Caiçara, em Exu-Pernambuco, que poetizou e eternizou o nordeste brasileiro em suas canções.

Palavras-chave: Música. Ensino de Geografia. Luiz Gonzaga

Luiz Gonzaga e sua arte

Luiz Gonzaga do Nascimento vem de um lugar habitado, falado e poetizado em suas inúmeras canções. É na fazenda Caiçara, lá em Exu, no estado de Pernambuco que nasceu no dia 13 de dezembro de 1912 o famoso Gonzagão, filho do mestre da sanfona Januário dos Santos e Ana Batista de Jesus.

A inspiração inicial com a música veio através do famoso Januário, que era mestre da sanfona, exímio tocador, e também consertava esse instrumento, quando precisava de ajuste, para todas as pessoas da região. Desde então, Gonzaga começou a nutrir forte admiração pelo ofício do seu pai e se sentiu seduzido pela música. Dessa forma, os primeiros passos da iniciação musical foram dados por meio da influência de seu pai, que

[...] passou a chamá-lo para o concerto das sanfonas. Viu que o moleque tinha um bom ouvido. Formou-o, e o menino se tornou piloto de provas do pai: ‘Experimenta aí Luiz, vê se a afinação tá boa...’ Aos poucos, Gonzaga ia aperfeiçoando sua técnica no fole. Até que Januário achou que o filho podia acompanhá-lo nos bailes (Dreyfus, 1996, p. 41).

O saber ancestral e de geração em geração tem muito valor diante de um contexto social iletrado. Nesse sentido, a figura do pai é uma ancestralidade que se torna marcante na trajetória artística de Luiz Gonzaga. Essa referência se faz presente em diversas canções, entre elas

‘Seu Januário’ (Luiz Gonzaga, 1942), ‘Respeita Januário’ (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, 1950), ‘Januário vai tocar’ (Januário José dos Santos, 1952) e ‘O maior tocador – seu Januário’ (Luiz Guimarães, 1965), ‘Adeus a Januário’ (João Silva e Pedro Maranguape, 1979) (Portugal & Souza, 2017, p. 209).

A música fazia parte do cotidiano no qual Luiz Gonzaga estava inserido, desde o trabalho do seu pai e, também, de Santana, sua mãe, que era cantadeira de igreja e puxadora de reza e ladainhas. O saber/fazer musical teve influências nos modos de vida que experienciavam na cultura local, com a participação na comunidade, em novenas, benditos e ladainhas. A percepção musical e o gosto pelos instrumentos foram sendo gestados de forma natural, devido às influências positivas que havia dentro de sua própria casa.

A trajetória de vida de Luiz Gonzaga foi marcada por mobilidades, travessias, deslocamentos, cujas experiências contribuíram para compor muitas canções que cartografam os lugares por onde transitou: a canção de Humberto Teixeira, “Baião de São Sebastião”, 1973, retrata de forma singular a aparição de Gonzaga no Rio e o início de divulgação do baião. Vejamos um trecho da letra:

*Vim do Norte
O quengo em brasa
Fogo e sonho do sertão
E entrei na Guanabara
Com tremor e emoção
Era um mundo todo novo
Diferente meu irmão
Mas o Rio abriu meu fole
E me apertou em suas mãos
É Rio de Janeiro
Do meu São Sebastião*

*Pára o samba três minutos
Pra cantar o meu baião
[...]
No começo eu tive medo
Muito medo meu irmão
Mas olhando o Corcovado
Assusseguei o coração
Se hoje guardo uma saudade
É enorme a gratidão
E por isso Rio amigo
Te ofereço este baião!*

Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1560690/>>.

Uma parte importante de sua vida compõe os elementos subjetivos presentes na canção; sua experiência migrante, saindo do Norte e se defrontando com uma realidade “diferente meu irmão”. Esses dois elementos em particular retratam os caminhos percorridos por Luiz Gonzaga e o sentimento de estranheza ao chegar a um lugar tão diferente de seu contexto inicial de vida. Esse processo ajudou a tecer a continuação de sua trajetória, embora essa decisão contivesse medos e incertezas: “No começo eu tive medo/ muito medo meu irmão”. Ele, no entanto, reconhece o Rio de Janeiro como o espaço para os aspirantes à carreira artística e agradece pela visibilidade que o Rio lhe proporcionou.

Na sua trajetória artística, até adquirir, de fato, o reconhecimento como um grande artista, Luiz Gonzaga percorreu um longo caminho, marcado por muita e inabalável persistência para alcançar o êxito musical, a credibilidade e a admiração do público.

Gonzaga era um homem criativo, cheio de ideais, porém precisava de um homem letrado para expressar em versos toda essa fonte criativa. Isso resultou em uma série de parcerias musicais estabelecidas ao longo de sua carreira, dentre eles, os mais famosos foram Humberto Teixeira e José de Souza Dantas Filho, ou Zé Dantas. Através das suas parcerias, o baião atinge o seu reinado máximo:

O baião estava definitivamente implantado, era moda incontornável, manchete da imprensa. Enquanto *Radar* anunciava: ‘A ordem agora é baião – Coqueluche nacional de 1949’, o *Diário Carioca* publicava reportagem na qual afirmava que o ‘o baião vem fazendo estremecer todo o vasto império do samba e já agora não se poderá mais negar a influência decisiva desse gênero musical na predileção do povo’. E a revista *O Cruzeiro* publicava uma reportagem com fotos para ensinar o público a dançar o baião. No Brasil inteiro, a mídia focalizava a grande moda (Dreyfus, 1996, p. 138).

Gonzaga foi um sujeito ativo na construção do baião e da representação simbólica, com músicas que abordavam temáticas genuinamente nordestinas. Cantou, interpretou, foi ator e personagem de suas canções. Por isso, desfrutara de todo o sucesso construído. Os sentidos e significados extraídos das canções do artista permitem mobilizar um entrelaçamento com o seu meio natural, social e cultural. Foi mobilizando esse lugar de fala que Gonzaga construiu seu legado artístico, pois “[...] as músicas de Luiz Gonzaga são recursos comunicativos, que instituem um lugar, acionando um imaginário já gravado na memória coletiva” (Nascimento, 2018, p. 30).

Por fim, na seção seguinte, evidenciamos como sua musicalidade foi marcada por temas e sentimentos diversos – religiosidade, seca, migração, saudade, pertencimento, modos de vida, geografia do Sertão nordestino, lugares e seus cotidianos, pessoas que foram enaltecidas em sua obra –, mostrando sua genialidade enquanto compositor e intérprete.

Música e ensino de Geografia: tecendo aproximações

Vivemos atualmente na era da globalização e, com isso, a sociedade está amplamente imersa na cultura audiovisual. Nesse sentido, a escola não pode ficar alheia aos movimentos que estão aí, postos na contemporaneidade, cujas mudanças também devem ser empreendidas na organização do trabalho docente, mais especificamente, no planejamento das atividades didático-pedagógicas. Nessa perspectiva, enfatizamos a importância da

[...] incorporação de outras formas de linguagem (ou outras formas de leitura da realidade), como o cinema, a música, a literatura, as charges, a internet. É verdade que a sociedade mudou e avançou em muitos aspectos, e que a escola e o ensino de geografia não têm acompanhado satisfatoriamente essa mudança. Por isso mesmo, a escola e o ensino de geografia precisam, de fato mudar, precisam estar mais ligados à vida social atual. (Cavalcanti, 2008, p. 33)

A utilização de diversas linguagens, como salientado acima, possibilita o aprimoramento da prática docente, favorecendo o processo de mediação entre professor e aluno, bem como potencializando o processo de ensino-aprendizagem, elevando a criticidade, a apreciação de outras formas de arte. Sobre a conexão/interface possível entre a Geografia, outras ciências e a arte, Pinheiro Neto destaca:

a Geografia, em suas categorias que a sustentam enquanto ciência, não está impedida de fazer uma ponte com as outras áreas de conhecimento, como a arte, ou ainda com outras ciências, objetivando dinamizar e compreender melhor seus procedimentos sob diversas abordagens (Pinheiro Neto, 2012, p. 325).

Nesse sentido, a Geografia pode, sem diminuir sua essência ou caráter científico, ancorar-se nas diversas linguagens, com o objetivo de buscar novas possibilidades para a correlação de conceitos e fatos/fenômenos geográficos. Dessa forma, as diversas linguagens – música, fotografias, filmes, literatura, entre outros – podem nos oferecer grandes análises, reflexões e problematizações sobre temáticas relevantes. Na corrente dessa perspectiva, Portugal e Barros (2019) salientam que a música é um dos elementos culturais que mais se fazem presentes cotidianamente nos mais diversos espaços e classes sociais, ela está presente na nossa vida cotidiana com objetivos variados, pois, para muitos, essa arte é um modo de distrair, entreter ou como forma de reivindicação social, para outros tantos. A música expressa, em suas letras e melodias, uma diversidade de significados culturais e visões de mundo.

Utilizar as músicas no contexto escolar pressupõe uma atenção especial para a compreensão da letra e suas correlações com seus elementos constitutivos nessa narrativa, não é só ouvir por ouvir, é necessário dar sentido e significados, explorar os elementos e conceitos, correlacionar com a Geografia.

Portugal e Souza (2015) apontam encaminhamentos que a utilização da música na sala de aula precisam almejar: a possibilidade de diversificar a utilização de recursos pedagógicos em sala de aula a fim de inovar e dinamizar o ensino e a aprendizagem dessa disciplina; fomento a utilização de outras linguagens, que no caso da música, possibilitam ampliar a percepção cultural e a reflexão crítica dos discentes; não podemos deixar de mencionar a importância de inovar, experimentar e (re)criar estratégias de ensino e aprendizagem da Geografia, no ensino básico, a fim de contribuir para uma leitura crítica e reflexiva do mundo.

Neste ensaio, ousamos em apontar perspectivas de interlocução entre a música e a Geografia para abordar temáticas no ensino de Geografia através da musicalidade de Luiz Gonzaga. Uma das temáticas que são abordadas no ensino de Geografia é a migração, através da mobilidade das pessoas em diferentes escalas e contextos espaciais. No contexto da canção de Luiz Gonzaga, as canções que abordam a migração estão atreladas à escala da migração inter-regional no Brasil.

A migração, os sentidos e os sentimentos atrelados a esse processo, de cunho social, histórico e geográfico, também estão presentes em algumas de suas canções mais simbólicas,

nas quais Gonzaga imprimiu o “ser” migrante, as suas subjetividades e as experiências. Talvez, suas vivências tenham contribuído para construir esse legado com uma mensagem tão viva de sentidos, ao atrelar, na narrativa musical, as suas percepções sobre o vivido. Nesse sentido, destacamos alguns trechos da música “Pau de arara” (Luiz Gonzaga; Guio de Moraes, 1952):

*Quando eu vim do sertão
Seu môleço, do meu Bodocó
A malota era um saco
E o cadeado era um nó*

*Só trazia a coragem e a cara
Viajando num pau-de-arara
Eu penei, mas aqui cheguei
Eu penei, mas aqui cheguei
[...]*

Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/pau-de-arara.html>>.

Ficam evidenciados, na letra dessa canção, a situação da pobreza material e os modos circunstanciais em que o sertanejo migrava. Também mobiliza reflexões sobre a condição do migrante, por meio de uma travessia cheia de dificuldades, incluindo a dor pela experiência do desenraizamento. Sobre esse tema, Vainer (2000, p. 24) explicita que

Com os anos 50 impõe-se uma realidade totalmente nova: êxodo rural, intensas migrações interregionais. Nos corredores da Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, não se ouvem mais o italiano e o espanhol, agora substituídos pelos sotaques nordestino e mineiro [...] afinal de contas, São Paulo, que não pode parar, já havia descoberto desde os anos 40 que os nordestinos e mineiros, os trabalhadores nacionais, podem ser educados/disciplinados para o trabalho [...] no próprio trabalho.

Segundo o autor, o Estado foi um agente estrategista, mobilizando a inserção de trabalhadores imigrantes, por intermédio da “estratégia imigrantista-agrarista”, ou “braços brancos para a lavoura”, em um projeto pretensamente eugenista (1875-1940). Como citado, nas décadas de 1950 e 1960, o processo de migrações internas regionais corroborou com o processo de êxodo rural.

Mas, também, o fascínio exercido pelas regiões mais industrializadas, aliado a fatores como dificuldade para conseguir emprego, salários muito baixos, exploração por parte dos grandes proprietários rurais, entre outros, incentivam o sertanejo a migrar em busca de condições melhores de sobrevivência (Nascimento, 2018, p. 63).

Para além das questões econômicas supracitadas, como ponto de partida para análise do processo migratório, é necessário dialogar sobre as dimensões que se referem ao local de destino dos migrantes. E, entre tantas questões de ordem social, cultural e econômica a serem elencadas, ressaltamos o sentimento da saudade e a afetividade com o seu lugar de origem, tema atrelado ao processo de migração e que foi intensamente marcante na obra e poética de Luiz Gonzaga.

Partilhamos do pressuposto de que “[...] a música contribui para recordações de experiências do lugar” (Carney, 2007, p. 132). Por isso, Luiz Gonzaga teve tanta receptividade pelo povo nordestino migrante, pois sua música era um acalanto para a saudade do lugar, das relações: pai, mãe, irmãos, o amor que ficou, e uma forma de mobilizar memórias e vivências culturais, como a colheita, as procissões, os festejos juninos e outros eventos religiosos. Dessa forma, a música de Gonzaga atendia aos sentimentos nostálgicos dos imigrantes – quando retratava simbolicamente os elementos do seu lugar de origem, proporcionava aos fãs e aos ouvintes a possibilidade de criação de um elo afetivo com aquilo que ficou para trás –, e também o atendimento dos anseios do mercado musical, pois sua música era um produto e, então, necessitava ser consumida:

O Baião será a ‘música do Nordeste’, que por ser a primeira que fala e canta em nome desta região. Usando a rádio como meio e os migrantes nordestinos como público, a identificação do Baião com o Nordeste é toda uma estratégia de conquista de mercado e, ao mesmo tempo, é fruto dessa sensibilidade regional que havia emergido nas décadas anteriores (Albuquerque Jr., 2011, p. 176).

Suas canções versejavam o processo de trajetória migratória “nortista” – como era denominado à época – para as Regiões do Sudeste e do Centro-Oeste do Brasil, numa mobilidade espacial, geográfica, mas também histórica e cultural, que marcou histórias de vidas de milhares de famílias. Por isso, o Nordeste foi se configurando como o espaço da saudade, como aponta Albuquerque Jr. (2011, p. 171):

O Nordeste foi construído como o espaço da saudade, do passado, não apenas por aqueles filhos de famílias tradicionais e seus descendentes que acabaram entrando em declínio com as transformações históricas, ocorridas neste espaço, desde o final do século passado. Ele também é o espaço da saudade para milhares de homens pobres, do campo, que foram obrigados a deixar o seu local de nascimento, suas terras, para migrar em direção ao sul, notadamente São Paulo e Rio de Janeiro para onde iam em busca de empregos [...].

O encontro entre Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, no Rio de Janeiro, em meados da década de 1940, dois nordestinos migrantes longe de sua terra, criaram uma música: “No meu pé de serra” (Luiz Gonzaga; Humberto Teixeira, 1942):

*Lá no meu pé de serra
Deixei ficar meu coração
Ai, que saudades tenho
Eu vou voltar pro meu sertão
No meu roçado trabalhava todo dia
Mas no meu rancho tinha tudo o que queria
Lá se dançava quase toda quinta-feira
Sanfona não faltava e tome xote a noite inteira
O xote é bom
De se dançar
A gente gruda na cabocla sem soltar
Um passo lá
Um outro cá
Enquanto o fole tá tocando,
tá gemendo, tá chorando,
Tá fungando, reclamando sem parar*

Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/47092/>>.

Especialmente bela, essa canção reporta ao ouvinte as experiências migrantes, no que se refere às travessias experienciadas pelos dois nordestinos e compositores. Dessa forma,

‘Pé de Serra’ na realidade é uma polca charmosa e alegre, que encantou os fregueses da Cidade Nova e até os passantes na rua, que pararam à porta do bar para curtir o som fascinante da sanfona. Gonzaga nunca esqueceria a felicidade que sentiu ao ver o público rindo, aplaudindo, gritando, pedindo bis (Dreyfus, 1996, p. 82).

Talvez tenha sido só o ritmo contagiante, ou também os sentidos que a letra e a melodia causaram ao público. Fato é que a música compila elementos referentes à cultura sertaneja. Por isso, relembra, com grande estima, os costumes do lugar, quando “lá se dançava quase toda quinta-feira” e, mais uma vez, os personagens que constituem as canções exprimem o desejo do retorno ao seu lugar de origem, pois “lá no meu pé de serra/ deixei ficar meu coração/ ai, que saudades tenho/ eu vou voltar pro meu sertão”. Assim, a promessa do retorno ilustra a forte relação de pertencimento à sua identidade e ao seu lugar, de modo que, quando os personagens lembram as origens, lembram-nas sempre com um tom saudoso, nostálgico.

Conforme salienta Portugal (2013, p. 257), ao expressar, na letra da canção, o desejo de retornar ao seu lugar de origem, os cancioneiros reafirmam que a “[...] identidade está intrinsecamente ligado à categoria lugar, que retrata as experiências vividas no cotidiano e que demarca sentimentos de familiaridade, de afetividade, [...]”, cujas situações retratam, também, um modo singular de existir e a sua relação com o mundo, a qual comporta histórias, acontecimentos, ao situar “[...] uma experiência direta com o lugar vivido, com o seu lugar, que lhe é familiar, que tem significados para eles, significados dados pelas relações pessoais, e muitas vezes pela experiência afetiva” (Cavalcanti, 2009, p. 147). Assim, é pertinente coadunar com Marandola Jr. (2012, p. 228), quando destaca que “[...] é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo”.

A inserção das músicas no contexto didático-pedagógico pode propiciar uma contextualização de conceitos e noções geográficas, visto que podemos encontrar um rico conteúdo que pode estimular a problematização, a criticidade e o letramento/raciocínio geográfico, instigando o aprendizado de temas diversos da Geografia na escola.

Considerações finais

Fonte inesgotável de inspiração artística, esses elementos aparecem ao lado da flora sertaneja, dos animais e das lendas. Com toda sua poética, suas apresentações continham alegria, vivacidade e interpretação, a partir de uma voz potente e inconfundível até os dias de hoje, sendo o deleite de fãs e de estudiosos, que se regozijam na escuta (e na leitura) de sua obra musical.

A musicografia gonzagueana é revestida de personagens, de cenários e de sensibilidade. Por isso, ainda hoje é rememorada por fãs, artistas e, também, por pesquisadores no âmbito da academia, devido à sua grande influência musical, ao dar visibilidade a ritmos até então pouco conhecidos pelo Brasil afora.

Dessa forma, as músicas de Luiz Gonzaga possuem estreita correlação com o seu meio natural, social e cultural. Foi mobilizando esse lugar de fala que Gonzaga construiu seu legado artístico.

Consideramos, portanto, a música como fonte de pesquisa, um rico e potente dispositivo documental e, especialmente, as letras das canções que são capazes de enunciar e de anunciar leituras geográficas em diversas escalas e temáticas. Nesse sentido, estabelecemos um diálogo

entre a interface música e Geografia, corroborando com autores que conectam as discussões em diferentes óticas, baseados em um quadro geográfico diversificado no trabalho com a música.

Referências

- Albuquerque Jr, D. M. (2011). *A invenção do Nordeste e outras artes* (5a ed.). São Paulo: Cortez.
- Carney, G. (2007). Música e lugar. In: R. L. Corrêa & Z. Rosendahl (Orgs.). *Literatura, música e espaço* (pp. 123-150). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Cavalcanti, L. S. (2008). *A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana*. Campinas: Papirus.
- Cavalcanti, L. S. (2009). A educação geográfica e a formação de conceitos: a importância do lugar no ensino de Geografia. In: M. P. Garrido (Org.). *La espesura del lugar – reflexiones sobre el espacio em el mundo educativo* (pp. 135-151). Santiago de Chile: Universidad Academia de Humanismo Cristiano.
- Dreyfus, D. (1996). *Vida de viajante: a saga de Luiz Gonzaga*. São Paulo: Ed. 34.
- Marandola Jr., E. Lugar Enquanto Circunstancialidade. In: E. Marandola Jr; W. Holzer & L. Oliveira (Orgs.). (2012). *Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia* (pp. 227-248). São Paulo, Perspectiva.
- Nascimento, N. M. (2018). *Luiz Gonzaga um contador do Nordeste do Brasil*. Curitiba: Appris.
- Pinheiro Neto; J. E. (2012). Geografia e Literatura: a paisagem geográfica e ficcional em Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto. *Boletim Campineiro de Geografia* , 2 (2), 322-340.
- Portugal, J. F. (2013). “*Quem é da roça é formiga!*”. *Histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais*. (Tese de Doutorado). Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA, Brasil Recuperado de <http://www.cdi.uneb.br/pdfs/teses/2013/0109141653.pdf>
- Portugal, J. F. & Barros, A. C. (2019). A música nas aulas de geografia: proposições didáticas experiências formativas no Pibid. In: A. C. Pinheiro & W. A. Aragão. (Orgs.). *Formação de professores, metodologias e ensino de Geografia* (pp. 29-46). Goiânia: Editora Espaço Acadêmico.
- Portugal, J. F. & Souza, H. R. (2015). “Eu vou contar pra vocês...” A arte de Luiz Gonzaga e a Geografia do Nordeste Brasileiro. *Terra Livre*, Ano 30, 1 (44), 201-235.
- Vainer, C. (2000). Estado e Migrações no Brasil: anotações para uma história das políticas migratórias. *Travessia*, XIII (36), 15-32.